

VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo

Mercados Contestados - As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei

24, 25 e 26 de setembro de 2014

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

Grupo – Dispositivo: Narrativas do Vestir em um Projeto de Escambo

Helena de Barros Soares¹

Inês Hennigen²

Resumo: O artigo apresenta uma leitura do panorama do sistema da moda no mundo contemporâneo através de descrição do fenômeno do esvaziamento subjetivo nas narrativas de memórias do vestir como produção de subjetividade pela moda. Percorre mecanismos capitalistas que nascem de práticas cotidianas e descreve proposta de invenção de brechas no formato do grupo de escambo, o Brechó de Troca. Ainda reflete acerca dos impasses que apareceram em dúvidas-queixas de potenciais parceiros, ao longo de cinco anos de existência de trabalho, no sentido de reinventar-se como proposta-acontecimento. Vale-se de posição ético-política para narrar suas histórias a fim de potencializar sua existência.

Palavras-chave: Moda, Brechó de Troca, Narrativa.

1. Sobre Aquisição e Descarte: moda, consumo, sujeito, memória

A forma como as pessoas adquirem vestuário e lidam com a moderna noção de moda apresentou diversos formatos ao longo do tempo. De ateliers de costura à indústria do *prêt-à-porter*, houve mudança na forma de interferência que o sujeito é capaz de produzir na confecção das roupas, chegando até o impessoal *fast fashion*, cuja disseminação é alimentada pelo próprio sujeito. No início do século XX, os ateliês atendiam às clientes de forma muito particular e essas se envolviam no processo de criação compondo peças que traziam a narrativa da descrição do desejo na técnica e habilidade do artesão. Acontecimentos históricos provocam rupturas no cotidiano, sendo a moda parte dela. No pós-guerra, a moda oferece-se como alegoria ao esquecimento das tragédias vividas, como no exemplo do *new look* de Christian Dior. O estilista, filho de burgueses, admirava as imagens rebuscadas da *belle époque* e inventa uma imagem feminina construída com

¹Mestranda em Psicologia Social Institucional; UFRGS; hellsoares@gmail.com

²Doutora em Psicologia; UFRGS; ineshennigen@gmail.com

exagero de tecido, pouca praticidade, mas muita potência. Dior, e outros tantos estilistas posteriormente, deram início ao processo de reedição constante de suas criações; inventam imagens cuja força presta-se a produção de modos de subjetivação. Tais incessantes reedições são moldes que a indústria têxtil chama de *prêt-à-porter*. O sujeito passa a consumir roupas (ou a desejar este modo de consumo de moda, à medida que têm notícias desta nova prática) de maneira bem diferente de outrora. No passado pré-guerra, a garantia de marcar o vestir com seus traços subjetivos era mantida na relação com o artesão que a confeccionava; já o *prêt-à-porter* inventa a impessoalidade nas relações de desejo e produção como se estas não fossem mais relevantes.

Sant’anna (2008) e Mesquita (2008) localizam jogos de poder na invenção deste modo de consumo de moda. A primeira autora traça um apanhado teórico para pensar tais questões, enquanto a segunda se vale do conceito de biopolítica, de Michel Foucault e seus debatedores. Ambas sublinham a construção de um sujeito que cuida de si (e de sua aparência) e busca nesta prática a superação autônoma de obstáculos. O sistema da moda, cotidianamente construído e desejado por este sujeito, torna impessoais suas criações. Assim, gradualmente, se elimina a figura do artesão (costureiras, alfaiates, bordadeiras, etc.) a fim de acelerar suas produções para um mercado acelerado e capitalista. O consumidor produzia narrativas acerca da roupa que vestia, pois no longo processo artesanal de confecção muitas conversas, partilhamentos, parcerias na idealização do objeto-roupa se davam. Na nova configuração de produção-consumo-uso-descarte, essas narrativas perdem seu lugar para o pronto-para-usar³, em imagens que, como no *new look* de Dior, respondam à necessidade de nova aparência – principalmente da mulher – que pode ser da reinvenção do belo (perante a feiura da tragédia da guerra), de uma imagem adaptada a seu ambiente profissional empresarial na figura de um terninho bem cortado, ou mesmo de novas frenéticas imagens de um suposto frescor contemporâneo de *looks* ainda “não” vistos⁴.

A nova configuração de produção (e seus desdobramentos) está atenta à demanda que surge no rompimento da participação na construção de memórias do vestir. Se o sujeito não mais participa do processo, tampouco poderia singularizar seu modo de vestir, ficando assim sem recursos técnico-estéticos para seus cuidados de si na busca incessante de ser um inventor de imagens que correspondam à sua história. A moda então captura esta necessidade inventiva no seio de seus mecanismos produtivos: o *fast fashion* hoje, segundo Enrico Cietta em entrevista ao canal de moda do site IG, se vale de pesquisas que observam o comportamento do consumidor usando esses traços para compor novas coleções; ele produz memórias. Hoje em dia há ainda a proliferação de venda de produtos e maquinários para customização (que se entende como personalização

³ Escolho esta grafia ‘pronto-para-usar’ justamente para sublinhar o sentido (em tradução vulgarmente literal) de função capitalística do termo *prêt-à-porter*.

⁴ As aspas no “não” relativizam seu uso. A ideia aqui é de lembrar que a diferença, a individualização e a criação de memórias pessoais não chegam ao nível concreto (ideia que desenvolvo em seguida); então esses *looks* não são inéditos no contexto social, pois alguém já o experimentou, já usou algo semelhante, da mesma ordem estética.

das peças) de roupas como exemplo de oferta de produção de histórias, de inferências que o sujeito poderia fazer, ou a conhecida estética do envelhecimento de peças (como lavagem de jeans, por exemplo) e a mais recente tendência do mercado *vintage* do consumo e criação de brechós de roupas usadas. O próprio modelo de escambo se reinventa sob formato de acelerador de descarte. No contemporâneo, essa prática visa, atender às necessidades de descarte e aquisição de forma ágil através de blogs e de canais em redes sociais, além dos espaços físicos temporários ou os brechós físicos. No estado do Rio Grande do Sul há ainda as perenes campanhas do agasalho, que alimentam a prática do descarte sob o mote de assistencialismo. São velhos recursos reinventados para novas demandas.

Eis que de tamanha velocidade de produção e consumo o imperativo do descarte advém. Não encontramos relatos sobre formas desta prática em outros tempos: como a passagem da roupa em desuso deu-se em outros tempos? Que motivos havia para obsolescência da roupa? Mesmo atualmente, poucas pesquisas e notícias abordam tal questão como isto se dá. A Inglaterra é país que saiu na frente anunciando que descarta um milhão de toneladas por ano de peças de roupas. Uma intervenção artística foi feita em Londres simbolizando tal excesso de consumo e o problema do descarte: um prédio de cinco andares foi coberto com dez mil peças de roupas; elas corresponderiam a cinco minutos de descarte no país. Em outra situação, no município de Teutônia/RS, o Ministério Público do município denunciou (e depois arquivou a denúncia) o descarte em lixão a céu aberto as sobras da campanha do agasalho do município. As peças estavam com forte cheiro de urina de rato e também expostas à oferta para o uso de moradores de rua ou de qualquer cidadão que circulasse pelo espaço público permitindo, por exemplo, o aparecimento de leptospirose. Nos dois casos-problema notam-se a completa desvinculação subjetiva e a ausência de memórias das roupas descartadas. Ora, uma peça cuja existência narra histórias vividas entre sujeitos tem potencial de produção de memórias. Na proposta de Stallybrass (2008), as roupas têm esse caráter e nos amparam oferecendo-se como mediadoras da vida, de acontecimentos felizes e também dos infelizes. O autor nos sublinha a propriedade que as roupas têm de durarem no tempo, então suas trajetórias marcam-se pelas históricas que dotamos a elas. No caso do problema do excesso de descarte há a ausência de narrativas, falta de inferências de seus donos.

Da invenção do *fast fashion* até seus novos recursos produtivos, passando pela invenção da customização e a tendência do consumo de usados, o mercado capitalista da moda mostra suas incessantes formas de captura de desejo de um sujeito que quer imagens prontas para o vestir. O consumo alimenta-se dos recursos do sistema da moda fazendo disto o problema do excesso de roupas e a escassez de narrativas que atualizem a memória do objeto-roupa. Em face à velocidade das suas engrenagens, questionamos: que brechas existem como (im)possibilidades subjetivas de interferência, para posicionamentos singulares do sujeito?

2. Grupo-dispositivo: Brechó de Troca como espaço de narrativas

Afetadas pelo panorama que o contemporâneo aponta como impossibilidade de brechas para a produção subjetiva do vestir, criamos o Brechó de Troca há cerca de cinco anos. Trata-se de um evento mensal, com mínimo de três e máximo de doze pessoas participantes, cuja produção envolve convite virtual aos potenciais parceiros. Esses são estimulados a trazerem suas peças em desuso (de cinco até vinte) para mostrar a todos que lá estiverem. A proposta tem sido a de abrir um espaço para narrativas: a cada peça seus portadores fazem descrição particular, ou seja, falam sobre a peça da maneira como lhes convém. Pode ser uma descrição sobre tamanho, condições de uso, forma de aquisição, histórias vividas vestindo-a ou tantas outras virtualidades que acabam por ali se atualizar, na fala, na escuta, no (des)interesse e nas trocas. O grupo inicia com abertura através da palavra: uma notícia que englobe moda e produção cultural, a apresentação de algum estilista ou marca regional, uma citação literária que trate da roupa como algo além de sua materialidade, enfim, como coordenação, emprestamos ao grupo elementos disparadores de constituição de significados outros que não exclusivamente o consumo pelo consumo. Depois breve explicação do método que conduz as trocas para então dar início às apresentações (falas sobre as peças). Encorajamos as trocas livres, em que não vigoram valores de mercado para as peças, mas sim o do desejo: vale o escambo de colar por casaco, de duas peças por uma, de sapato por bolsa e uma infinidade de outras possibilidades. Eventualmente mais de um parceiro interessa-se pelo mesmo item; então, solicitamos que o deixem temporariamente em um local que foi apelidado de “limbo”. Esta técnica intenciona suspender o desejo, propondo que a espera produza não apenas ansiedade, mas também conversas paralelas, relativização da necessidade deste consumo e novas narrativas sobre esta peça. A preocupação é manter o espaço com sua potência disparadora de novas intensidades, novas experiências.

Os parceiros do Brechó de Troca, assim como a invenção de sua prática, ocupam um espaço e constroem o interesse de forma gradual, somando acontecimentos. Aproximam-se com suas dúvidas, interessados em saber como o grupo funciona e se podem ser construtores deste espaço. Dificilmente alguém vem ao encontro sem prévia conversa ao telefone ou via e-mail com a coordenação. A exceção se dá quando são levados por amigos ou parentes. A principal dúvida que se abrem neste pré-encontro é sobre o que podem levar para trocas. Às vezes perguntam se podem levar determinados tipos de peças, entretanto a maioria, ao alongar a conversa, explica que não sabe se haverá interesse pelas coisas que não deseja mais. Já, no grupo, a dúvida que mais se sobressai é sobre o que falar sobre/das roupas e acessórios⁵ que levaram. Quando o grupo tem muitos novos parceiros, encorajamos os que já conhecem a iniciarem suas narrativas, a fim de acolher as dúvidas dos novos sob a forma do exemplo. Como preocupação ética na produção do grupo, interessam-nos saber os motivos das dúvidas sobre o que levar para o escambo assim como o que falar sobre as roupas. Que

⁵Também permitidos e encorajados a serem trocados como elementos assumidos do sistema da moda.

hipóteses podemos formular como instrumento reflexivo para seguir neste trabalho? Uma delas seria a corporificação da lógica do sistema da moda no sujeito; este deseja construir novos hábitos de consumo, mas os imperativos do vestir contemporâneos expressar-se-iam nele sob forma de questões-queixas propostas diretamente ao grupo.

O grupo já coleciona suas próprias narrativas. Como a de uma participante assídua que decide trocar suas peças ainda que não encontre nada de seu interesse. Por mais de uma vez parceiros interessaram-se por peças de T. que, não encontrando nenhum item de seu gosto pessoal, ou mesmo para presentear terceiros⁶, resolve efetuar a troca. Ao ser questionada a narrar seus motivos, T. explica que deseja que suas roupas sigam sendo utilizadas e o encontro do desejo com a realização pode prolongar a vida útil daquela roupa. T. acrescenta que, quando alguém encontra inesperadamente uma roupa que lhe interesse, este acontecimento não deve ser algo a ser desperdiçado. A participante leva peças que não lhe interessam quanto ao uso e retorna com elas em outros encontros com nova narrativa: T. descreve que são peças do próprio Brechó de Troca e conta a situação em que trocou. Após o relato de suas histórias, T. já foi questionada sobre a satisfação de quem ficou com a peça desejada: outras tantas memórias a serem narradas. Outra história acontecida neste espaço é a de um encontro em que duas parceiras levaram peças idênticas. A roupa em questão era um casaco 3/4, confeccionado em veludo cotelê cor-de-laranja. Os interessados no casaco se multiplicaram tanto mais do que seu número disponível; os dois puderam ser trocados e ainda houve mais uma parceira que os desejou, mas não pôde levar qualquer um deles. Esta impossibilidade foi trazida em outro encontro por esta pessoa como narrativa do inusitado, sob forma de certo descontentamento, entretanto com humor e generosidade ao emprestar sua experiência narrando para outros parceiros que não estiveram presentes pudessem ouvir as potencialidades na relação roupa-memória.

Como produtoras do grupo, nos propomos a refletir acerca da potência dessas narrativas; como coexistem relatos como estes e as questões citadas no mesmo espaço? Se o Brechó de Troca coleciona histórias que reinventam as memórias das roupas que por lá circulam, porque os novos participantes carregam certo medo de abrir sua demanda de circulação das peças e vontade de ter um guarda-roupa renovado? Tais dúvidas apontam para a busca da continuidade da ética do trabalho, de literatura afim, de pesquisa por práticas com tensionamento que visem a produção alteridade no sistema da moda. Propomo-nos a retomar a questão inicial da (im)possibilidade de brechas para um existir singular no seio da produção do Brechó de Troca, justamente em seus impasses e dúvidas. Buscamos percorrer seu funcionamento cotidiano em um fazer foucaultiano de análise dos jogos de poder. Pretendemos pôr em cheque a relevância da proposta no enfrentamento do esvaziamento das narrativas do vestir e das produções de memória do objeto-roupa.

⁶A prática de trocar para presentear entes queridos é estimulada como possibilidade na apresentação do método de funcionamento o início dos encontros.

3. Tempo, Poder e Capitalismo: narrativa como produtora de brechas para o vestir

Sibilia (2011) traz em seu texto autores como Nietzsche, Bergson, Benjamin, a literatura de Borges, dentre outros, para discutir a noção de tempo para a produção de subjetividade no contemporâneo. A autora parte da constatação de que vivemos uma exibição exacerbada de intimidades e o uso espetacularizado da personalidade.

Se em Nietzsche a relação memória-esquecimento é possibilidade de existir no presente sem o tormento de uma suposta perseguição do passado em nossos atos, Bergson cria a ideia de “suspensão” que traduz um esforço dos acontecimentos durarem o tempo que for necessário para então tornarem-se memórias (SIBILIA, 2011, p. 125). Podemos pensar que nossas experiências cotidianas estão marcadas por uma aceleração da experiência do tempo uma vez que demandamos e produzimos incessantemente novas invenções, exposições, imagens, mas não nos dispomos a experimentá-las em sua duração subjetiva: há pouca possibilidade de interferência de nossa própria existência. Inventar-se uma fusão do saber (do discurso científico como suposto detentor do conhecimento) com o fazer (discurso de diversos setores técnicos, como o marketing que imprime na ação o valor máximo de nossas habilidades) sem qualquer mediação da história dos sujeitos. Se “tudo o que é, é também no tempo” (SIBILIA, 2008, p. 124), o que sobra como possibilidade de existir no mundo para nossos objetos?

A capacidade de suportarmos o fim, o esgotamento do sentido que algo nos faz é uma experiência como a da morte; mortes subjetivas servem como mote à possibilidade de esquecermos, de colocarmos em outro local de sentido, do sentido já desnecessário. O fim da experiência do luto como algo normal da experiência humana, seja ela de um ente ou de um objeto que se rasga, quebra ou simplesmente não combina com a pessoa que nos tornamos, torna nossa relação com eles eterna e dolorosa ao ponto de passarmos da aquisição ao descarte sem nenhuma construção subjetiva.

Foi na era burguesa quando a morte perdeu seu caráter de evento público: expulsa do universo dos vivos e relegada ao âmbito da privacidade, tornou-se um segredo envolto em pudores, silêncios e tabus. Mas acontece que a morte é um elemento fundamental da narrativa, pois é precisamente na hora de morrer que a sabedoria de cada homem sobre sua existência vivida se torna transmissível. (SIBILIA, 2008, p.140)

A narrativa é ato político e ético se a pensarmos como escolha do que dizer e em que contexto. Ouvir e transmitir um conteúdo tal qual ele se apresenta ao mundo é dar voz à sua verdade, à sua constituição seja ela dolorosa, alegre ou provocativa. Passos e Barros (2010) propõem método intensivista de narratividade buscando trazer ao contexto pesquisado aspectos transversais de sua realidade, como o objeto constitui-se como tal, em sua forma mais cotidiana e banal. Sair da posição passiva, de objeto coletado e descrito por sujeitos do saber para a participação do processo de invenção de si, na proposta dos autores, mostra-se como abertura de brecha. Mas para isso é importante lembrar que não basta narrá-lo como uma semelhança a

outros (como diria a expressão popular “mais do mesmo”), mas sim abri-lo para sua própria dissolução, para que as histórias tenham sentido singular, que durem o tempo necessário, e tornem-se obsoletas numa morte pela narrativa. Os autores chamam de desmontagem esta etapa do processo de pesquisa. Este método, o cartográfico, é potente na medida em que faz “aposta ético-política em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo” (PASSOS E BARROS, 2010, p. 170).

No contexto do *fast fashion*, fenômeno possível de surgimento somente no mundo capitalista, percebe-se o calar de criações subjetivas. Num discurso técnico, que indica o consumo acima de tudo e única possibilidade de produção subjetiva, há a marca do esvaziamento de memórias. Esta é a preocupação da produção do espaço do Brechó de Troca. Um grupo que pretende abrir o esgotamento de narrativas acerca do vestir para que aí possa surgir o novo; de novas produções de guarda-roupas até infinitas outras imagens para além da moda.

Esta afirmação do novo como proposta de produção de subjetividade é ideia presente em Peixoto Junior e Laureano (2012). Numa visão pós-estruturalista os autores percebem que

(...) a esquizofrenia do capitalismo contemporâneo (...) constitui o rebatimento da potência de um desejo diferencial, positivo e múltiplo, nos mecanismos de representação que são constantemente ressuscitados pela dinâmica contraditória do capital. Por um lado, o sistema depende da produtividade do desejo para sobreviver; por outro, ele deve reintegrar, modular, esta produtividade, injetando transcendência, servidão e controle no plano de imanência. (PEIXOTO JUNIOR e LAUREANO, 2012, p. 71)

Nas perguntas dos possíveis parceiros do Brechó de Troca parece haver um ar de captura, como se a escolha do que levar fosse algo de um plano transcendente, que não poderia concretizar-se. A presença parece não depender somente do desejo, mas de uma promessa capitalística de plena satisfação, sem mediações de qualquer ordem; sem construções de narrativas, sem demandar nada deste sujeito, mas sim ofertando a manutenção de uma plenitude. Ora, o sujeito que aceitasse viver uma promessa assim só manter-se-ia em uma lógica *fast fashion* do vestir, endividando-se subjetivamente com tal proposta (LAZZARATO, 2011).

Hipotetizamos também que a hesitação perante a fala dos parceiros acerca de suas peças podem também estar vinculadas à reação à novidade da abertura. A exposição da narrativa como experiência da abertura de um luto de uma roupa que não lhe serve mais (como potência de sentido) rompe com tabus inventados. É uma brecha na lógica do calar as histórias do objeto-roupa, que não remete a uma história de costureiras e seus ateliês, mas sim a invenção de um novo espaço de circulação, invenção e experimentos. A inspiração de antigas histórias se acresce às demandas capitalistas contemporâneas; o Brechó de Troca visa existir no mundo como ele é, em seu tempo, sua lógica, mas buscando acolher a fragilidade dos problemas que ele mesmo produz. Se a moda produz excessos, também acolhe a invenção de imagens de diferença.

Na história do encontro de duas peças de *fast fashion*, tão inusitadas e não mais produtoras de sentido das mulheres que as portavam quanto desejadas por outras três que a disputaram, o imperativo da velocidade do consumo mostra-se tão presente como a brecha da produção de novas narrativas (esta reverberada em um outro encontro). Estabelecer novas relações com o objeto-roupa parece existir como invenção neste espaço de escambo, mas não sem a suspensão do tempo presente no esforço metodológico das falas sobre as peças e do tempo de negociação da troca. A frustração é sentimento mundano tanto quanto quaisquer outros. Expô-la sem valorá-la é dar espaço a sua fala protagonista é dar visibilidade aos sentimentos que o sistema da moda produz, ampliando assim seus modos de existir. Pensamos que partilhar sua existência seja potencializador de sua morte no presente e invenção de novos afetos, novas histórias. Quais? Não sabemos e confessamos nossa curiosidade.

4. Algumas aberturas que a narrativa do Brechó de Troca pode produzir

Não pretendemos aqui concluir com uma exaltação da proposta que estamos inventando, mas sim construir alinhavos para as inquietações que surgiram nestes cinco anos de trabalho. Buscamos nesta narrativa apresentar uma proposta, na perspectiva ético-política, afirmando a existência de seu percurso, trazendo inclusive a hesitação dos parceiros.

Assim como desejamos que algum belo acabamento se produza em nossos alinhavos, também que algum desmanche de bainha mostre sua necessidade de reforma. Como o desejo de percorrer encontros onde nem sempre corpo e alma se percebam num mesmo plissado (PRECIOSA, 2010, p.57), indicando um trabalho-pesquisa em constante desmontagem.

Acreditamos que a potência da fala-queixa-medo dos parceiros do Brechó de Troca seja constitutiva de seu processo; que suas falas narrem a realidade de uma moda empobrecida, mas também em processo.

Uma característica necessária da transmissão, se é que ela ocorre, é que ela pode se extraviar. A carta não chega, a pessoa errada herda, o legado é uma carga indesejada. Contudo, mesmo na mais selvagem das transmissões, alguma coisa realmente chega a seu destino. (STALLYBRASS, 2008, p. 36)

Referências Bibliográficas

BERLIM, L. Moda e Sustentabilidade: uma reflexão necessária. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

BRESSER, D. **Você sabe o que é Fast Fashion?** O escritor italiano Enrico Cietta, autor de “A Revolução do Fast Fashion”, fala sobre o modelo de negócio, em entrevista exclusiva. **IG – MODA – Moda no Mundo**. 11 out 2010. Disponível em: <<http://moda.ig.com.br/modanomundo/voce-sabe-o-que-e-fast-fashion/n1237795692971.html>> Acesso em: 04 ago 2014.

CALLAN, G.O. Enciclopédia da Moda de 1840 à década de 90. Trad.: Glória Maria de Mello Carvalho, Maria Ignez França. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FASHION BUBBLES. Consciência Fashion na Reciclagem de Roupas. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/comportamento/consciencia-fashion-na-reciclagem-de-roupas/>> Acesso em: 04 ago 2014.

FOUCAULT, M. Segurança, Território, População. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LAZZARATO, M.. The Making of the Indebted Man: An essay on the neoliberal condition. Cambridge: MIT Press, 2011.

MARIA.VALENTINA. M.V. Apoia: Londres contra o desperdício. Mariavalentina.com.br. Maio 2014. Disponível em: <<http://mariavalentina.com.br/blog/2012/05/m-v-apoia-londres-contr-o-desperdicio/>> Acesso em: 04 ago 2014.

MESQUITA, C. Biopolíticas da Aparência. Anais 4º Colóquio de Moda. ABPEM, 2008.

NASCIMENTO, R. Prefeitura joga fora, MP manda recolher - Refugo de campanhas do agasalho foi despejado, ontem, em aterro sanitário. **O Informativo do Vale**. 22 de Outubro de 2011. Disponível em: <http://www.informativo.com.br/site/noticia/visualizar/id/8447/?Prefeitura_joga_fora_MP_manda_recolher.html> Acesso em: 04 ago 2014.

PASSOS, E.; BARROS, R.B. Pista 8 – Por uma Política da Narratividade. In: PASSOS, E.; BARROS, R.B.; ESCÓSSIA, L.da. *Pistas do Método da Cartografia..* Porto Alegre: Sulina, 2010.

PEIXOTO JUNIOR, C.A.; LAUREANO, P.S. Dois Desejos, Dois Capitalismos. *Revista Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ, nº37-38, maio-dez 2012.

PRECIOSA, R. Rumores Discretos da Subjetividade – Sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

SANT'ANNA, M.R. Poder e Aparência - incontornáveis questões da teoria de moda. Anais 4º Colóquio de Moda. ABPEM, 2008.

SIBILIA, P. Eu *atual* e a subjetividade instantânea. In: SIBILIA, P.. *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

STALLYSBRASS, P. O casaco de Marx: roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.